

Sonhos polifônicos em René Kaës

*Mônica Poggia Leal¹, Porto Alegre
Rafael Werner Lopes², Porto Alegre*

O presente texto procura apresentar, em termos gerais, a concepção de René Kaës acerca da teoria do sonho em sua vinculação com o pensamento freudiano e a noção bakhtiniana de polifonia do discurso. A originalidade da obra de Kaës se insurge dos vínculos matriciais com o pensamento de Freud, mas também reivindica – em relação a tal pensamento – uma abertura na compreensão psicanalítica do fenômeno do sonho.

Palavras-chaves: Polifonia; Sonho; Intersubjetividade; Espaço comum e compartilhado

¹ Psicóloga, Psicanalista, membro do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA).

² Doutor em Filosofia, membro do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA).

“Somos, até em nossos sonhos, pluralidade e grupo”. (Kaës, 2004, p. 305)

Desde os postulados freudianos que concebem o sonho como guardião do sono, como realização alucinatória do desejo e como via régia do inconsciente, incontáveis estudos contribuíram com a psicanálise no que diz respeito à teoria do sonho. As perspectivas psicanalíticas aparecem como diferentes desdobramentos de uma radical transformação epistemológica na milenar “hermenêutica do sonho” (Kaës, 2004, p. 19), provocada pela publicação de *A interpretação dos sonhos*, em 1900. Esse empreendimento teórico de Freud pode ser concebido como uma revolução em curso de desenvolvimento, isto é, como um fenômeno que sempre se abre a novas possibilidades de compreensão. Em meio às múltiplas contribuições teóricas à experiência onírica, destacamos a obra *A polifonia do sonho* (2004), de René Kaës, que, com suas investigações, conduz o leitor à possibilidade de repensar a perspectiva freudiana acerca dos sonhos.

O presente texto procura apresentar, em termos gerais, a concepção de Kaës acerca da teoria do sonho em sua vinculação com o pensamento freudiano e a noção bakhtiniana de polifonia do discurso. A originalidade da obra de Kaës se insurge dos vínculos matriciais com o pensamento de Freud, mas também reivindica – em relação a tal pensamento – uma abertura na compreensão psicanalítica do fenômeno do sonho. A singularidade de sua proposta reside na intenção de mostrar que a suposta ideia de uma narcísica e autocentrada concepção freudiana do sonho pode se revelar como um fenômeno tecido na trama polifônica da interdiscursividade.

Polifonia: música, linguagem e psicanálise

Polifonia é o nome dado a um certo tipo de música com raízes populares, surgida na Idade Média. Da monotonia da composição à experiência da música polifônica, podemos perceber uma crescente complexização da composição musical, quando diferentes vozes estruturam uma contrastante oposição à uniformidade e à planura do canto gregoriano. Percebe-se isso no acréscimo ao canto monocórdico de uma segunda voz, que é contracantada em relação à primeira, até formas mais radicais de entrelaçamento das notas. Vale ressaltar que essa característica polifônica, responsável por expressar o enlace simultâneo de várias vozes na estruturação de um fenômeno, também realça a possibilidade de múltiplas repetições de um mesmo som.

É justamente essa transformação, ocorrida no âmbito da composição musical, que terá espaço na forma como se estruturam texto e discurso. Assim, o termo polifonia é empregado por Mikhail Bakhtin (1895-1975), em Problemas da poética de Dostoiévski (Bakhtin, 1929/2008), para conceber uma organização textual e discursiva tramada por diferentes vozes, na qual não há sobreposição ou domínio de uma voz sobre as outras. O fenômeno polifônico invoca a sua compreensão a partir da vida discursiva organizada pela incidência da dialogicidade como seu princípio constitutivo e determinante.

Na perspectiva bakhtiniana, as relações humanas se expressam na e pela linguagem. É importante ter em conta que a linguagem é caracterizada por uma realidade intersubjetiva e essencialmente dialógica. A partir disso, Kaës enfatiza as ideias de que “não somos mônadas psíquicas” (Kaës, 2004, p. 285) e de que a linguagem expressa uma força dialógica, estruturada pela pluridiscursividade, na qual cada enunciado tem relação com outros enunciados sobre o mesmo objeto. O autor também refere uma dupla face da palavra, que se estabelece como ponte entre locutor e interlocutor. A propósito dessa noção de dupla face, talvez possamos pensar a palavra a partir de um potente caráter polifacético, com múltiplas faces, uma vez que, ainda que possam estar em jogo as posições de locutor e interlocutor, cada uma dessas posições é organizada a partir de um profundo enlace e presença de muitas outras vozes.

A dialogicidade pode ser compreendida como o fundamento da polifonia, enfatizando a posição essencial do outro na construção de todo discurso. A partir disso, todo texto é um objeto constituído por várias vozes e discursos. É a reconfiguração transmutada e apropriada de outros textos que lhe dão origem, os quais estão em permanente tensão dialógica. Bakhtin também afirma: “Ser significa comunicar-se pelo diálogo. Quando termina o diálogo, tudo termina. Daí o diálogo, em essência, não poder nem dever terminar” (Bakhtin, 2008, p. 293). Nesse sentido, é importante reconhecer a inesgotabilidade expressiva dos discursos que emergem das relações dialógicas. Uma organização discursiva é sempre constituída a partir e através do discurso do outro, como um processo que nunca está concluso. O sujeito bakhtiniano, construído na relação com o outro e na linguagem, é marcado por uma interatividade constitutiva que envolve a interiorização de discursos preexistentes, os quais se desdobram em constante atualização.

No espaço social/coletivo, os múltiplos indivíduos estão implicados em uma rede tensionada por diversas subjetividades. Ao mesmo tempo em que um sujeito é atravessado pela coletividade, também nela atua como um agente de transformações. Assim, nas diferentes dinâmicas que envolvem o laço social, texto e discurso são compostos por várias vozes e assumem posições equipolentes,

Mônica Pogliã Leal, Rafael Werner Lopes

isto é, não são justapostas hierarquicamente, mantendo tensões entre as vozes que compõem a coletividade. Essa expressão discursiva também revela estreitos vínculos com os âmbitos individual e coletivo da vida, sendo compreendida igualmente como uma importante lição de afirmação democrática e antiautoritária, a partir da qual a polifonia pode ser tomada como uma marca da luta contra toda forma de dominação e hierarquização social. Ao apresentar a visão bakhtiniana acerca da estrutura discursiva, Kaës (2004) chega a afirmar que essa força dialógica da linguagem pode ser vista como “luta contra a reificação monológica do discurso” (p. 286). Nesse incessante desdobrar-se da existência a partir da determinação de dito princípio dialógico que estrutura a linguagem e impulsiona a construção de discursos, “o ser humano encontra o espaço de sua liberdade e de seu inacabamento” (Fiorin, 2006, p. 26).

A proposta metapsicológica da obra de Kaës (2004) vai da noção de polifonia musical até um plano de estruturação textual, mas se situa além de seu emprego na produção discursiva, sendo também utilizada para pensar a vida psíquica e a produção onírica. Essa estrutura polifônica convoca a uma compreensão de sujeito “urdido e trabalhado pela interdiscursividade” (Kaës, 2004, p. 29), que se abre ao reconhecimento de um “território comum entre falante e ouvinte” (Kaës, 2004, p. 286). Nesse sentido, o sujeito do inconsciente “se constitui nos pontos de amarração das vozes, das palavras e das falas dos outros, de mais de um outro, dividido entre a realização de seu próprio fim e sua inscrição na rede de seus vínculos intersubjetivos” (Kaës, 2004, p. 30). A ideia de que cada sujeito é formado a partir de uma rede de vínculos, na qual a sua vida se inscreve, tem fundamental importância para o desenvolvimento da teoria acerca do sonho. O sonho, assim como o texto e o discurso, é o resultado de um atravessamento de diferentes vozes.

Vale ressaltar que a aplicação da noção bakhtiniana de polifonia às investigações de Kaës a respeito da teoria do sonho parece revelar um duplo movimento de apropriação e adaptação conceitual, proposta justamente para pensar a clínica psicanalítica e seu arcabouço metapsicológico. Assim, Kaës (2004) procura destacar a especificidade de seus intentos psicanalíticos, ainda que reconheça a influência da obra de Bakhtin. Essa busca pela singularização de sua proposta poderá ser vista, por exemplo, na apropriação das noções de alteridade e dialogismo do modelo polifônico para pensar o sonho, juntamente com a ressalva de que a polifonia bakhtiniana está concebida pela determinação de processos secundários, que, portanto, não dependem dos processos inconscientes.

No intuito de estabelecer as diferenças entre sua obra e a de Bakhtin, Kaës (2004) afirma que a noção bakhtiniana de polifonia é articulada no campo social, e não no campo da psique. Assim,

o que para Bakhtin é determinado na enunciação pela situação social, podemos retomar no campo da intersubjetividade, que não é interação, mas relações estruturantes entre sujeitos do inconsciente que entram em ressonância com fantasias e significantes comuns e compartilhados e com interditos que organizam os mecanismos constitutivos do inconsciente. (Kaës, 2004, p. 288)

Da teoria freudiana à proposta do sonho polifônico

A obra de Kaës apresenta as investigações acerca dos sonhos em dois níveis: i) desde sua organização polifônica interna, inferida do relato do sonho (implicando aí as noções de “linguagem, fala e destinação” (Kaës, 2004, p. 288-289), onde encontramos a formação e transformação do sonho); ii) e a partir da ideia de que a produção do sonho ocorre em um espaço implicado por vários sonhadores. A noção de relato do sonho implica uma possibilidade de acontecimento mediante a presença de um destinatário, borrando as fronteiras entre o sonho propriamente dito e seu relato.

Desde Freud, o espaço intrapsíquico é considerado a base na qual se estruturam as condições de possibilidade do fenômeno onírico. Entre elas, encontram-se as noções de recalçamento, figurabilidade do pensamento inconsciente do sonho e a capacidade de desinvestimento do mundo externo. Assim, os processos de formação do sonho estão circunscritos aos limites internos do espaço psíquico. Conforme afirma Kaës, em Freud, o sonho é uma comunicação intrapsíquica que não está orientada para uma comunicação intersubjetiva. Essa concepção freudiana passa por uma reviravolta teórica em A polifonia do sonho (Kaës, 2004). Tal transformação terá como objeto e apoio a própria teoria de Freud, uma vez que nela aparecem os elementos necessários para a emergência da concepção polifônica. É importante ressaltar que o empreendimento teórico Kaësiano não deve ser tomado como uma ruptura com o pensamento freudiano, mas como seu possível desdobramento, retirando de tal pensamento os elementos fundamentais para apresentar a singularidade de sua proposta.

Kaës (2004) procura destacar a importância da ampliação da experiência psicanalítica com a inclusão de novas condições de possibilidade para pensarmos o espaço psíquico e sua relação com o espaço onírico. O interesse na estruturação e dinâmica do espaço intrapsíquico a partir da análise individual e grupal abre terreno ao possível reconhecimento da articulação deste espaço, no qual o sonho se dá, com os “espaços psíquicos de outros sonhadores” (Kaës, 2004, p. 20). Então,

Mônica Pogliã Leal, Rafael Werner Lopes

junto às condições de possibilidade onírica anteriormente referidas, o autor insere a precedência de um outro sonhador como condição da capacidade de sonhar.

A concepção polifônica pressupõe uma noção de espaço onírico comum e compartilhado, provocando uma modificação na concepção clássica de espaço psíquico e espaço onírico como espaços fechados. Torna-se importante esclarecer que a condição de fechamento para que o sonho advenha não implica que o espaço psíquico seja um espaço fechado. Nesse sentido, uma tendência confinante como pressuposto à produção do sonho não significa a efetivação de seu fechamento. Dito de outro modo, referida tendência não produz necessariamente um espaço intrapsíquico fechado. Embora exista uma predominância da ideia de espaço fechado no pensamento freudiano, lá também encontraremos indícios de abertura para outros espaços psíquicos, como bem testemunham, já na primeira tópica, suas pesquisas iniciais sobre a identificação e os sintomas de histeria. Quando Freud atribui os sintomas histéricos às identificações compartilhadas por várias moças de um mesmo pensionato Psicologia das massas e análise do Ego (Freud, 2011), podemos tomar suas especulações como um convite à abertura para novas teorias e à construção de dispositivos condizentes com tal descoberta. Percebe-se, assim, que a incidência da interdiscursividade no fenômeno onírico já aparece, segundo Kaës, no pensamento freudiano. A esse propósito, Kaës (2004) afirma: “Freud nomeia as transformações que o campo interdiscursivo sofre na vivência onírica: condensação, deslocamento, representação figurativa (processo primário) e depois no relato (elaboração secundária)” (p. 289).

É importante notar que Kaës, em seu texto, procura explicitar duas posições do pensamento freudiano no que diz respeito à teoria do sonho. De um lado, as investigações freudianas parecem recusar a ideia de sonho como forma de comunicação intencional e intersubjetiva. Contudo, de outro lado, suas especulações (juntamente com as de K. Abraham) sobre os sonhos coletivos supõem que processos e materiais se comunicam, tornando-se comuns tanto no processo de formação onírica quanto no de transmissão de pensamento. Estudos psicanalíticos recentes, especialmente aqueles endereçados ao *social dreaming* (Gordon, 2019), e estudos sociológicos, como os de Charlott Beradt (2017) sobre os sonhos alemães durante o III Reich, bem como os diversos trabalhos psicanalíticos sobre os sonhos na pandemia, surgem nesse contexto.

A estruturação de uma metapsicologia que concebe a perspectiva polifônica envolve a referência e o desenvolvimento de três caracteres ou hipóteses para pensar o sonho, a saber: i) o reconhecimento de um espaço comum e compartilhado (matriz do sonho); ii) a hipótese do umbigo do sonho (apoiado no micélio interpsíquico); iii) a polifonia do sonho, que dá conta do fato do sonho ser trabalhado por e em

uma multiplicidade de espaços, de tempos, de sentidos e de vozes. A perspectiva polifônica está ligada à ideia de que o sonho é um “cordão umbilical que alimenta a vida fantasmática, é um sistema de trocas entre o dia e a noite, o sonho e a vigília” (Kaës, 2004, p. 291).

A concepção freudiana de umbigo do sonho aponta para um lugar cujo “emaranhado de pensamentos do sonho não se deixa desenredar” (Kaës, 2004, p. 262). Assim afirma Kaës (2004):

O que, no desejo do sonho, surge do mais profundo do inconsciente, entranhado na experiência corporal, transita através desse conduto, desse lugar de passagem que é o umbigo do sonho: é ali que se forma o tecido onde se misturam o interior e o exterior, a apropriação e a sujeição, o ativo e o passivo. (p. 262)

Kaës (2004) chega a tomar a metáfora do umbigo do sonho em duas vertentes, quais sejam: a do “estrangulamento da atividade onírica num nó cerrado”, que constitui um limite à interpretação, e a de sua expansão na rede aberta “de uma multidão de umbigos do sonho por onde a reflexão onírica pode fazer-se ao largo.” (p. 262) A propósito da noção freudiana de umbigo, o autor ainda propõe a hipótese de um segundo umbigo do sonho, que surge do inconsciente ancorado no espaço psíquico comum e compartilhado. É nesse âmbito que o sonho repousa no desconhecido, mas, neste caso, o desconhecido dos vínculos intrapsíquicos mais obscuros é alimentado pelo o que Kaës (2004) define como micélio intersubjetivo.

Motivos para a reavaliação da teoria do sonho

Em A polifonia do sonho (2004), o autor refere três motivos para uma reavaliação da teoria freudiana dos sonhos: i) o postulado da coincidência entre o espaço onírico e o espaço psíquico interno; ii) a hipótese de um espaço onírico intersíquico; iii) a possibilidade de um trabalho clínico que se desenvolve em um plano implicado por vários sujeitos. A proposta de Kaës (2004) é lançar mão da possibilidade de articulação entre o espaço intrapsíquico do sonho e o espaço psíquico de outros sonhadores. Então, o modelo polifônico, articulado a partir do reconhecimento de uma disposição de vozes entretecidas, reconhece, de um lado, a produção própria e individual, mas, por outro, firma-se em uma ideia de produção comum e compartilhada.

O reconhecimento do interesse investigativo acerca do espaço intrapsíquico

Mônica Pogliã Leal, Rafael Werner Lopes

se amplia na tentativa de compreensão de um espaço onírico intersíquico. Esse empreendimento teórico de Kaës é realizado à luz das contribuições de M. Klein (cena de ação, identificação projetiva e introjeção) para compreender o espaço psíquico como gerado em uma condição interpessoal. A respeito da noção de espaço interno, Kaës concebe uma “estreita relação com o espaço psíquico do outro, do qual apenas se diferencia tardiamente e de maneira, apesar de tudo, bastante precária” (Kaës, 2004, p. 21). Essa precariedade condicional abre terreno a uma concepção de experiência existencial co-implicada por diferentes sujeitos, pois os espaços psíquicos e “oníricos são permeáveis uns aos outros” (Kaës, 2004, p. 22). Tal cenário, marcado pela afirmação das nomeadas “flutuações do espaço interno-externo” (Kaës, 2004, p. 22), é aprofundado, ainda segundo Kaës, pelas ideias de Bion, (continente-conteúdo), Sami-Ali (inclusão mútua), Green (limites do espaço psíquico e duplo limite) e D’Anzieu (envoltórios psíquicos individuais e grupais).

Reconhecendo a importância de Klein no que diz respeito à interferência entre espaços psíquicos, Kaës demarca os limites do pensamento kleiniano e propõe ir além. Afirma ele: “(...) em Klein o sonho continua sendo concebido essencialmente como uma determinação e uma produção intrapsíquica.” (Kaës, 2004, p. 22) Assim, na perspectiva kleiniana, o sonho é concebido como “continente psíquico formado pela introjeção do seio materno e como elaboração dos conflitos intrapsíquicos” (Kaës, 2004, p. 22). O conceito de identificação projetiva traz em seu bojo a relação entre indivíduos, pois as reações emocionais produzidas por ela são o princípio da comunicação interpessoal. No entanto, conforme afirma Kaës, Klein não avança com essa descoberta rumo à alteração da concepção do sonho.

Em sua obra, Kaës (2004) refere, também, as perspectivas de Bion e Meltzer como teorias marcadas por sua filiação e modificação da teoria kleiniana. Considera, assim, que tais autores se inscrevem no campo teórico de Klein, ao mesmo tempo em que reivindicam a sua transformação.

É importante notar que, segundo ambos os autores, o sonho pode desempenhar uma função que não se limita à posição de guardião pela descarga alucinatória, isto é, ele não pode ser simplesmente concebido por meio de sua função fisiológica homeostática. Dessa maneira, atribuindo valor próprio à vida onírica, Meltzer enfatiza a “vivência da experiência do sonho” (Kaës, 2004, p. 23) como modo de existência, no qual ele afirma a sua forma viva através da presença de um conteúdo afetivo. Em Bion (2021), por exemplo, o sonho surge como forma primária do pensamento, desempenhando um importante papel nas funções cognitivas elementares. Para ele, é o sonho que dá forma às experiências emocionais e estabelece relações entre a vida fantasmática e a realidade externa. Com o interesse bioniano voltado à pesquisa com pacientes esquizofrênicos, terá

lugar a noção de função-alfa, concebida no reconhecimento da presença de uma mãe que metaboliza e interpreta o que o bebê não pode conter e elaborar.

A noção de função-alfa surge como condição para que a criança possa criar seus próprios elementos-alfa e produzir os pensamentos do sonho. Aqui se inscreve a importância das dimensões intrapsíquica e intersubjetiva na estruturação de uma teoria desenvolvida no seio das relações humanas. A propósito de seus estudos sobre as relações intersubjetivas, Bion concebe a capacidade de devaneio como um fenômeno que se dá junto de um outro indivíduo, processo qualificado como função-alfa da mãe. Na concepção bioniana, há um espaço pré-onírico que é, a um só tempo, continente e gerador, processo formado pela “capacidade interna de devaneio da mãe” (Kaës, 2004, p. 23). Esta capacidade consiste em um estado capaz de acolher as identificações projetivas do bebê, sejam elas quais forem. Assim, o desenvolvimento da vida onírica do bebê depende das condições psíquicas da mãe.

A função alfa, descrita por Bion, evidencia o que Kaës (2004) chama de espaço intersubjetivo, que é marcado pela necessidade de um sonhador como condição para a capacidade de sonhar de um outro. A mãe, ao metabolizar e interpretar o que o bebê não pode conter e elaborar, produz elementos capazes de permitirem que ele próprio crie a sua função alfa. Evidencia-se, assim, nessas trocas intersubjetivas primordiais, movimentos de continência e criação. Os elementos produzidos pela mãe (outro) é que “podem ser armazenados e satisfazer as condições de pensamento do sonho” (Kaës, 2004, p. 22).

Ao considerar a capacidade de devaneio como condição da possibilidade de sonhar, Kaës também refere em sua obra as investigações de C. Bollas na mesma direção teórica. Através dessa perspectiva, será possível a introjeção do objeto transformacional, capaz de modificar a organização do funcionamento fantasmático. Conforme apresenta Kaës, Bollas utiliza tal expressão para descrever o objeto primário a partir de uma perspectiva intersubjetiva, enfatizando a experiência vivida, pelo bebê, do encontro com o objeto. O objeto primário seria reconhecido pelo bebê não como um objeto de representação, mas como um processo que ele identifica com as múltiplas transformações do self.

O estabelecimento de um vínculo exige a formação de um espaço comum e compartilhado, constituído a partir dos investimentos que cada um faz nesse espaço e no próprio vínculo. Para tanto, é necessário um emparelhamento dos espaços e tempos próprios de cada um, envolvendo objetos, fantasias inconscientes, imagens e complexos. É desse investimento que emergem as noções de realidade psíquica e espaço psíquico marcados pela irreduzibilidade a seus elementos constitutivos. Significa dizer que o reconhecimento de uma realidade psíquica atravessada pelo

Mônica Pogliã Leal, Rafael Werner Lopes

fenômeno plurissubjetivo cria uma compreensão que aqui parece exigir uma nova significação à teoria dos sonhos.

Atento à evolução da prática psicanalítica, Kaës (2004) também destaca a emergência de um debate acerca dos efeitos dos sonhos do analista no espaço onírico do analisando, cujas investigações se desenvolvem no campo da “transferência-contratransferência” (p. 24). Esse debate manterá o foco nas considerações de Meltzer no que diz respeito às relações do sonho com a transferência. A transferência é apresentada como a aglutinação de elementos arqueológicos e atuais, expressando, pela repetição, o passado e o presente do mundo interno em uma reorganização a posteriori que prefigura novas experiências e invoca o futuro. Assim como a mãe e a sua capacidade de devaneio em relação ao bebê, Meltzer (2022) afirma que o analista desenvolve a mesma capacidade, acolhendo os sonhos de seu analisando e sonhando ele mesmo. Essas reflexões sobre as relações entre a psique da criança e a psique materna, assim como as relações entre analista e analisando, restituem o interesse pelo espaço intrapsíquico do sonho, abrindo terreno para as investigações sobre a noção de espaço onírico interspíquico. A capacidade de sonhar é colocada à disposição do analisando, provocando importantes desdobramentos na sua vida psíquica. Esse fenômeno será pensado por Kaës (2004) como um “envoltório onírico do tratamento no espaço da transferência e da contratransferência” (p. 25), cujos efeitos dependem da qualidade de tal espaço.

A hipótese Kaësiana de uma abertura para considerar um espaço onírico interspíquico conduz à experiência investigativa das clássicas demarcações da clínica psicanalítica. É nesse âmbito que o autor inscreve um outro motivo para a reavaliação da teoria do sonho: a atualidade clínica. Segundo a sua proposta teórica, as relações pais-filhos, as psicoses e a clínica com pacientes borderline abrem terreno para a pesquisa acerca dos limites do espaço intrapsíquico, suas bordas e relações com espaços psíquicos de outros sujeitos. Essas considerações levam o autor a refletir sobre situações psicanalíticas pluripessoais “fora da análise clássica” (Kaës, 2004, p. 26) para tentar dar conta de perturbações oriundas da constituição dos limites internos e externos do aparelho psíquico (patologias chamadas de “estados-limite”) (Kaës, 2004, p. 26).

Esses distúrbios na constituição psíquica, assim como a base do narcisismo primário, os “processos de figuração do originário e da simbolização primária” (Kaës, 2004, p. 26), estão fundados na qualidade dos vínculos precoces. Kaës (2004) destaca a importância de considerar a formação intrapsíquica em estreito vínculo com os processos que ocorrem nos espaços interspíquicos. Assim, o autor dirige a sua atenção para investigar o trabalho psíquico de cada indivíduo como

condição para que se produza um “emparelhamento dos espaços e tempos próprios de cada um” (Kaës, 2004, p. 27).

O texto A polifonia do sonho (Kaës, 2004), através da radicalidade de suas investigações, precipita o leitor em uma modificada constelação conceitual metapsicológica, ponto a partir do qual a psicanálise, em sua sempre aberta e inconclusa tarefa de compreender o humano, se constitui e pode se transformar. Esse cenário é transmutante, alheio a qualquer firmeza e estabilidade conceitual, demandando, assim, uma abertura ao novo. Então, a partir da curiosidade e engajamento do pensamento na construção do saber humano, que tenhamos a coragem para realizar reposicionamentos teóricos enquanto avançamos no desconhecido. □

Abstract

Polyphonic dreams in René Kaës

The present text seeks to present, in general terms, René Kaës' conception of the theory of dreams in its connection with Freudian thought and the Bakhtinian notion of the polyphony of discourse. The originality of Kaës' work arises from the matrix links with Freud's thought, but also establishes – in relation to such thought – an opening in the psychoanalytic understanding of the phenomenon of the dream.

Keywords: Polyphony; Dream; Intersubjectivity; Common and shared space

Resumen

Sueños polifónicos en René Kaës

Este texto busca presentar, en términos generales, la concepción de René Kaës a cerca de la teoría de los sueños en su vinculación con el pensamiento freudiano y la noción de polifonía del discurso de Bajtín. La originalidad de la obra de Kaës emerge de los vínculos matriciales con el pensamiento de Freud, pero también reivindica –en relación con tal pensamiento– una apertura en la comprensión psicoanalítica del fenómeno onírico.

Palabras clave: Polifonía; Sueño; Intersubjetividad; Espacio común y compartido

Mônica Pogliã Leal, Rafael Werner Lopes

Referências

- Bakhtin, M. (2008). Problemas da poética de Dostoiévski, (Tradução de Paulo Bezerra). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1929)
- Beradt, C. (2017). Sonhos no Terceiro Reich. São Paulo: Três Estrelas.
- Bion, W. (2021). Aprender da experiência. São Paulo: Blucher.
- Fiorin, J. L. (2006). Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo: Ática.
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (120-1923), (Tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras.
- Gordon, L. (2019). The creativity of social dreaming. London: Routledge.
- Kaës, R. (2004). A polifonia do sonho: a experiência comum e compartilhada. São Paulo: Ideias & Letras.
- Meltzer, D. (2022). Vida onírica: uma revisão da teoria e da técnica psicanalítica. São Paulo: Blucher.

Recebido em 25/03/2023

Aceito em 26/04/2023

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Kátia Ramil Magalhães**

Mônica Pogliã Leal

Rua Dona Laura, 228/706

90430-090 – Porto Alegre, RS – Brasil

pl.monica@hotmail.com

Rafael Werner Lopes

Avenida Palmeira, 27/605

90470-300 – Porto Alegre, RS – Brasil

rafaelwernerlopes@hotmail.com

© Revista de Psicanálise da SPPA